

Mídia e Educação Contribuindo na Pesquisa e Formação de Professores

Charlotte F. R. N. de COUTO MELO¹

FANTIN, Mônica; RIVOLTELLA, Pier Cesare. **Cultura digital e escola: Pesquisa e formação de professores**. Campinas: Papirus, 2012: 366 p.

A escola de ontem não é a mesma escola de hoje, e esta não será igual a de amanhã. A inserção das tecnologias na sociedade é reflexo disso e demanda, a cada dia, mudanças de paradigmas nos processos de ensino-aprendizagem. E aí surge a grande questão: Que tipo de mudanças são essas e como é possível promover tais mudanças, levando em consideração as novas necessidades da educação? Mônica Fantin e Pier Cesare Rivoltella, organizadores do livro “Cultura Digital e Escola: Pesquisa e Formação de Professores” apresentam nessa obra algumas perspectivas sobre a inserção de tecnologias educacionais, especialmente as mídias, tanto na formação de crianças, jovens e adultos, como na formação dos profissionais da educação.

No capítulo 1, “Retrospectivas e tendências da pesquisa em Mídia-Educação no contexto Internacional”, Pier Cesare Rivoltella apresenta o contexto histórico internacional da Mídia-Educação (ME) a partir do viés institucional (organizações e documentos oficiais), social (redes de cooperações e associações) e teórico (conceitos e metodologias). Além de algumas constantes sobre o universo da ME, o autor também apresenta tendências dentro desse contexto: o processo de “desmediação”, pois não precisamos mais de mediações de grandes veículos para a publicação de conteúdos; a desprofissionalização, já que para tais publicações não se necessita mais dos canais oficiais de comunicação e de formação específica na área; o entendimento de que ME não pode mais estar centralizada na escola, sendo co-responsabilidade da família e de outros atores; a ME deve ser destinada a todas as faixas etárias, e que estes se constituam, além de receptores críticos, também produtores.

Maria Luiza Belloni, no capítulo 2 “Mídia-Educação: Contextos, Histórias e Interrogações”, inicia suas reflexões a partir de sua experiência pessoal com educação popular e ME. Ela apresenta a ideia de que é necessária a integração da ME no processo de formação do indivíduo, uma vez que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) estão cada vez mais presentes na sociedade atual. Respondendo a questão sobre quais são as dificuldades que imperam contra a inclusão das tecnologias na formação de professores, a autora acredita ser a resistência apresentada pela escola quando se trata de inovação, por estar alicerçada em paradigmas tradicionalistas.

¹ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Comunicação – Linha de Pesquisa Comunicação, Educação e Formações Socioculturais, da Universidade Federal do Paraná.

No capítulo 3 “Mídia-Educação no Currículo e na Formação Inicial de Professores” Mônica Fantin inicia refletindo sobre a ideia de formação inicial de professores como sendo o primeiro contato do licenciando com a questão da educação, visão que ignora suas experiências anteriores como estudante. Sobre o currículo das licenciaturas, a autora, embora afirme que no Brasil ainda não existam leis que garantam a inclusão da ME, questiona: de que forma esta inclusão deveria se apresentar (transversal ou disciplinarmente); e como as instituições de ensino estão se preparando nesse sentido. Concluindo, Fantin reforça o potencial da ME em integrar educação e tecnologias.

Com base no conceito de Cultura Digital (cultura multimídia) Mônica Fantin e Pier Cesare Rivoltella apresentam, no capítulo 4 “Cultura Digital e Formação de Professores: Uso das Mídias, Práticas Culturais e Desafios Educativos”, a pesquisa “Os usos dos meios, os consumos culturais e a formação de professores”, com professores de Florianópolis (Brasil) e Milão (Itália). Refletindo sobre a seguinte questão “Considerando que as TICs são intrínsecas aos estudantes, qual deve ser a formação de professores?” os autores constam similaridade de utilização das tecnologias por professores do Brasil e Itália, embora os contextos socioculturais sejam distintos, e no âmbito das políticas públicas educacionais, se faz necessária a formação dos docentes em ME como nova perspectiva.

Em sequência ao capítulo anterior, no Capítulo 5 “Mídia e Escola: Representações dos Professores e Reflexão para uma Nova Formação em Mídia-Educação”, Alessandra Carenzio objetiva refletir sobre as representações da mídia em sala de aula e construir uma proposta de um modelo de formação, de fato, concebido de baixo para cima. A autora apresenta duas perspectivas como resultado: re-elaboração da lógica da formação continuada, já que apenas busca voluntariamente o aprimoramento profissional aquele que está extremamente determinado a tal; e os “Clubes” como espaços de socialização das experiências vivenciadas nos cursos de formação continuada, como forma de estabelecimento de uma rede, já que os professores estão dispostos a acolher e valorizar a vivência do outro.

O capítulo 6 “As tecnologias estão na escola. E agora o que fazer com elas?” de Tânia Maria Esperanto Porto se inicia com a experiência pessoal da autora em relação ao uso do computador e internet. Com base nisso, a autora traz um recorte de sua pesquisa realizada com professoras, diretoras e coordenadoras de escolas pública de Pelotas (RS) em relação a utilização de TICs na escola. Afirmar que o uso desses recursos está baseado nos seus entendimentos sobre o que é tecnologia, (âmbito pessoal e profissional). A autora conclui que há a necessidade de maior formação para o uso TICs para além da instrumentalização, que já é realizada pelo programa NTE/ ProInfo, e atenta que a questão da inovação deve ser encarada como uma ruptura, de forma planejada e declarada, nas práticas educativas para a sua melhoria, e não simples substituição de uma ferramenta pela outra.

Já no capítulo 7 “Formação continuada de professores nos Núcleos de Tecnologia Educacionais: Conteúdos e Metodologias” é apresentada, por Elisa Maria Quartiero, uma pesquisa sobre práticas formativas de professores promovidas pelos Núcleos de Tecnologia e Formação (NTEs), em 17 estados brasileiros. Além do panorama sobre a organização do trabalho dos professores e multiplicadores que atuam no NTE, a autora alerta para a necessidade de estudos mais aprofundados sobre a modalidade a distância oferecida pelos núcleos, bem como o acompanhamento do trabalho realizado pelos professores nas escolas que realizaram tais cursos, visto que se tratando de tecnologias, atualmente é preciso pensar não apenas nos computadores, mas em outros dispositivos como televisão, rádio, vídeos, câmeras fotográfica, etc.

Maria Aparecida Mamede-Neves e Flavia Nizia Ribeiro apresentam, no capítulo 8 “Jovens e Mestres em Rede”, uma análise de duas pesquisas realizadas com jovens e docentes do ensino médio sobre suas percepções em relação à internet. Os estudantes mostram-se conhecedores do cruzamento das duas cidades, presenciais e cibernética, e conscientes das diferenças entre elas, não renegando nenhum dos espaços. Nesse sentido, as autoras enfatizam a perseverança de alguns poucos professores em incluir tecnologias no espaço escolar, visto que percebem que estes são ampliados pelas TICs. No entanto, corroborando com o capítulo 2, constata-se a resistência da escola em promover rupturas, preferindo banir e proibir a integração entre ambientes online e offline, já que não alcançam a mudança do seu contexto externo.

Maria Helena Silveira Bonilla, em “Softwear Livre e a Formação de Professores: Para Além da Dimensão Técnica” (Capítulo 9), analisa o contexto da inserção dos computadores com *softwares* livres e os cursos de capacitação para professores, que exploram apenas a dimensão técnica da ferramenta. Com base nisso, a autora atenta para a necessidade da formação global do docente sobre tecnologia, envolvendo a discussão sobre princípios e potencialidades em dimensões culturais, políticas e filosóficas, bem como a reflexão sobre a sociedade e socialização do conhecimento ao longo da história.

O capítulo 10 “Comunicação comunitária, Mídia-Educação e Cidadania” é apresentado pela autora Luzia M. Yamashita Deliberador a partir de três experiências em projetos sociais, que abordam a comunicação comunitária, a partir de experiências de Mídia-Educação, como processos que promovem a emancipação, a participação e a cidadania, pois são elementos definidores de sua práxis.

Por fim, no capítulo 11 “Práticas Investigativas e Formativas em Mídia-Educação: Três Olhares para a Formação do Professor”, de Carolina Borges de Souza Guntzel, *et al*, as perspectivas de quem atua em sala de aula na formação continuada e inicial, com o tripé da educação, se apresentam entrelaçadas. As autoras refletem sobre a formação do docente e as experiências desenvolvidas em escolas com a ME, reforçando a importância desta para sua

consolidação como campo de atuação e pesquisa. Reiteram a importância da inserção curricular da ME na formação de licenciando e da discussão sobre ME nos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas, bem como a garantia da liberação do professor pela instituição para a participação de espaços de formação, que irão refletir nas competências do docente em relação as TICs (da perspectiva básica da cultura digital até a ME).

A partir desse panorama sobre a inserção da tecnologia no contexto educacional, reforçado por Antonio Bautista García-Vera quando fala da necessidade de se pensar de uma inserção dentro de três esferas (Político-governamental, Sócio-cultural e Econômico-laboral) concluímos, junto aos autores, a importância de um investimento em formação inicial e continuada para professores que se estendam além da capacitação básica e propiciem diálogos sobre que tipo de processo de ensino-aprendizagem se busca, a partir das TICs. Para o desenvolvimento de ações com estudantes é importante considerar a ME como processo promotor ou potencializador dos usos das tecnologias na educação, visto que este proporciona o contato não apenas das ferramentas como computador e internet, mas a reflexão crítica sobre a comunicação e seus contextos, além da produção de materiais midiáticos.